

PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: ATUANDO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Cláudia Barbosa de Almeida Medeiros*

Alexandre Wagner e Silva Dantas, Edgar Vieira do Nascimento, Élcio Duarte Lima, Karine Jéssica Bezerra Lora, Nair Simões Alvim Andrade, Nathália Mitie Nakahara, Séphora Caroline Salviano Teles e Tâmara Cibelly Pedrosa Arraes**

RESUMO: *O uso de drogas na adolescência pode resultar em transtornos na personalidade e no estabelecimento de relações interpessoais. Cabe à sociedade atuar na modificação dessa realidade e mais ainda aos estudantes universitários, pois é fundamental colocar em prática o que é teoria, em benefício do meio social. Assim, o trabalho desenvolvido tem por objetivos: transmitir informações científicas sobre drogas; responder às dúvidas dos escolares, identificando as mais frequentes; estimular o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a problemática. Para isso, foram realizados encontros com alunos do ensino fundamental da rede pública de Recife/PE, nos quais eram feitas palestras, aplicação de jogo paradidático, oficinas com cartazes e experimentos sobre efeitos das drogas no organismo. Dessa vivência, percebeu-se uma maior afinidade dos alunos por aulas práticas, as quais abriam espaço para várias discussões dentro da vivência deles. Durante os encontros, coletaram-se textos, cartazes e desenhos que abordavam a temática. Relatos de professores, após a aplicação do projeto, revelam uma mudança favorável na postura de certos alunos no que diz respeito ao consumo de drogas no recinto escolar. Além disso, a observação direta de alguns estudantes revela uma postura engajada, capaz de difundir a mensagem de prevenção do uso de drogas na comunidade. Desta forma, estima-se que as informações adquiridas perdurem nos escolares e perpetuem-se na comunidade. Para isso, contudo, é imprescindível que se garanta a manutenção permanente de grupos de trabalho na linha de atuação deste projeto.*

Palavras-chave: Drogas; Prevenção; Escolas.

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas em faixas etárias cada vez menores é um problema de saúde pública em todo o mundo. Dados colhidos pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas/CEBRID (SENAD, 1997, p. 5) confirmam o alto percentual do uso dessas substâncias - pelo menos um episódio -: “o percentual de adolescentes do País que já consumiram drogas entre 10 e 12 anos de idade é extremamente significativo – 51,2% já consumiram bebida alcoólica; 11% usaram tabaco; 7,8% solventes; 2% ansiolíticos e 1,8% anfetamínicos.” Por isso, a preocupação em estabelecer uma política de atuação com relação à problemática em pauta está presente em nosso país, através da Política Nacional Anti-drogas desenvolvida pela SENAD, entre outras instituições governamentais e não-governamentais (SENAD, 1997).

Os malefícios do abuso dessas substâncias são mais evidentes nas menores faixas etárias. Um dos fatores que justificam tal observação é o menor espaço de tempo entre a experimentação

* Graduanda em Medicina, Faculdade de Ciências Médicas/UPE; cba_medeiros@yahoo.com.br. (autora).
Orientadora: Tânia Maria Lago Falcão, Médica, Mestra e Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora do Departamento Materno-Infantil da Faculdade de Ciências Médicas/UPE; tania.lago.falcao@hotmail.com.

** Graduandos em Medicina, Faculdade de Ciências Médicas/UPE. (co-autores).

até a dependência, nessa fase da vida (SCIVOLETTO, 2004). Além disso, adolescentes usuários de drogas têm maior tendência a alterações comportamentais e problemas psicossociais em relação aos adultos (SCIVOLETTO, 2004). E mais, os jovens envolvidos no consumo de drogas podem entrar num ciclo vicioso, em que a utilização prolongada baixa a auto-estima, podendo torná-los mais influenciáveis em termos de comportamento, facilitando a progressão do uso de substâncias psicoativas (SCIVOLETTO, 2004).

Existem diversos fatores que podem levar o jovem a experimentar essas substâncias. Dentre eles podem ser destacados: disponibilidade da droga, conflitos familiares, fatores estressantes, influência de um grupo, isolamento social e vínculo frágil com a escola (SIMKIN *apud* KESSLER et al, 2003). Entretanto, a curiosidade pode ser uma das causas mais evidentes nessa iniciação (SCIVOLETTO, 2004). Esse fator torna-se ainda mais grave quando associado à dificuldade na obtenção de informações oferecidas sobre o tema. Por um lado, grande parte dos trabalhos utiliza linguagem científica, não despertando interesse do jovem. Por outro, os meios de comunicação mais populares manejam a temática de forma inapropriada (BROWN, 2002), oferecendo informações duvidosas ou chegando até a fazer apologia ao consumo, fato comumente visto na televisão, por exemplo, onde o uso de drogas – tanto lícitas quanto ilícitas – é mostrado como fator de exaltação do indivíduo ou do grupo. Tudo isso dificulta o desenvolvimento de uma visão crítica a respeito do que lhe é transmitido sobre o tema, podendo levá-lo ao uso, abuso e conseqüente dependência.

É preciso intervir nesta problemática no momento em que os jovens ainda têm chance de não entrar no mundo das drogas. Todavia, a prevenção ao início do consumo, embora tão ou mais importante do que as intervenções para tratamento e/ou repressão ao uso de drogas, não é muito abordada. E mesmo algumas atitudes que visam à prevenção acabam, muitas vezes, por menosprezar a capacidade de julgamento do jovem, passando informações já definidas como certas (RIBEIRO et al, 1998).

Atualmente, alguns estudos mostram a necessidade de focar os programas de prevenção nos fatores de influência social, especialmente naqueles cujas diretrizes buscam: discutir a aceitação, prevalência e razões para o uso de drogas; investir em campanhas de conscientização; aumentar a comunicação entre pais e filhos (CUIJPERS, 2002). Além disso, observa-se que os programas de prevenção de curto prazo – menor que 12 (doze) meses – conduzidos por jovens parecem mais eficazes do que os liderados por adultos (CUIJPERS, 2002). Portanto, nada mais coerente do que falar de jovem para jovem sobre esse assunto que é tão vinculado à problemática psicossocial.

Foi pensando nessa abordagem que as diretrizes do projeto PREVENINDO O USO DE DROGAS: UM PASSO À FRENTE* foram elaboradas. Assim, o trabalho desenvolvido por nove estudantes da Faculdade de Ciências Médicas (FCM/UPE), sob a orientação da professora Tânia Lago Falcão, objetiva promover a prevenção entre adolescentes escolares da rede pública de ensino, visando à aquisição de hábitos de vida e comportamentos mais saudáveis. É importante enfatizar a escola como sede da execução do projeto, já que a mesma é o ambiente de maior influência para o jovem dentro de uma comunidade, podendo oferecer fatores de proteção ou risco ao uso de drogas, dependendo da atenção dada aos escolares (BROWN, 2002).

É preciso, contudo, saber o que se pretende ao fazer uma abordagem preventiva, pois esta, quando livre de uma relação interativa (oportunidades de troca de informações), pode não obter o efeito planejado, como mostram outras experiências na mesma linha (CUIJPERS, 2002). Assim, além de transmitir informações científicas e estatísticas sobre as drogas, o projeto busca

* Projeto de extensão desenvolvido na Faculdade de Ciências Médicas, em andamento desde abril de 2004, apoiado pela Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Extensão (PRODINE) a partir de outubro do mesmo ano. O projeto conta com o apoio do Departamento de Biofísica da Universidade Federal de Pernambuco.

estimular o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a problemática através de debates das opiniões que emergem nos encontros, procurando discutir as representações sociais aí embutidas. Também é objetivo do projeto responder a dúvidas dos escolares (identificando as mais frequentes), tanto as relacionadas ao tema central quanto as que abordam outros assuntos, como doenças sexualmente transmissíveis, problemas familiares, violência, entre outros. Através das referências trazidas pelos alunos sobre o meio social onde vivem, pretende-se averiguar alguns motivos que podem levar os adolescentes ao consumo de drogas.

O desenvolvimento do projeto, no primeiro semestre de 2005, envolveu alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas da cidade do Recife, obtendo-se um total aproximado de 110 estudantes em uma faixa etária que variava de 10 aos 16 anos. Durante esse período, realizaram-se cinco encontros com cada turma. No primeiro, buscou-se fazer uma abordagem teórica, por meio da exibição de transparências que continham figuras e textos abordando o histórico das drogas, os principais tipos, os conceitos sobre a temática (dependente x usuário, tolerância, escalada, síndrome de abstinência, tipos de dependência, entre outros), os efeitos agudos e crônicos mais relevantes e a relação das drogas com a mídia.

A partir desse momento, as atividades passaram a ser eminentemente práticas. No segundo encontro, foi aplicado um jogo paradidático em forma de tabuleiro “gigante”, elaborado pelos próprios monitores, formado pelas categorias “perguntas e respostas”, “informações/curiosidades” e “debates”, todos dentro da abordagem realizada no 1º encontro.

O terceiro encontro foi uma atividade de produção de cartazes, elaborados pelos escolares e sob orientação dos monitores, na qual eram utilizadas recortes de revistas para montar um quadro sobre os seguintes temas pré-determinados: álcool, cigarro e drogas ilícitas – repercussões e conseqüências biopsicossociais; ações de prevenção ao uso de drogas; motivos que podem levar o jovem ao mundo das drogas. Ao final da atividade, os grupos apresentavam para a turma o seu tema com base no cartaz produzido.

O quarto encontro buscou mostrar, através de um debate, os efeitos do álcool e do cigarro. Para ilustrar os efeitos dessa última droga, utilizou-se um modelo de um boneco acoplado a um aspirador de pó. Tentava-se simular a impregnação do pulmão com as substâncias do cigarro, utilizando para este fim algodão.

O quinto e último encontro foi destinado ao encerramento das atividades, em que os alunos puderam expor trabalhos que elaboraram ao longo do período de vivência do projeto. Esses trabalhos foram incentivados pelos monitores desde o primeiro encontro, com vistas a estimular a criatividade e o interesse dos alunos na busca ativa de informações fora da sala de aula. O término do programa foi feito com lanche e música, num clima descontraído e confraternizador.

PROJETO PREVENINDO O USO DE DROGAS: UM PASSO À FRENTE

A análise do projeto foi feita a partir de cada encontro, buscando estabelecer a relação entre a atividade e a repercussão que ela teve na aquisição de conhecimentos por parte dos alunos.

Primeiro encontro – abordagem teórica

Como já referido, a atividade de abertura do projeto se fez com a projeção de transparências, quando foi apresentada a temática, dentro de uma visão mais panorâmica. Paralelamente, averiguava-se o conhecimento que os alunos já traziam por meio de discussões implementadas no decorrer da atividade. Observou-se que as dúvidas mais frequentes eram em

termos de conceitos como “o que são drogas lícitas e ilícitas” ou “o que é síndrome de abstinência”. Mesmo quando os alunos afirmavam saber o significado dos conceitos, nas suas explicações, notava-se uma incoerência ou uma confusão das informações, trocando muitas vezes as definições de “usuário” e “dependente”, “dependência física” e “dependência psicológica”, por exemplo.

No momento em que se falou dos efeitos agudos e crônicos do uso de drogas, os alunos mostraram-se muito participativos, trazendo relatos de suas próprias vivências, sobretudo quando as drogas em questão eram o cigarro e o álcool. Os efeitos agudos mais conhecidos pelos escolares são a respeito do uso do álcool: “olhos vermelhos” (hiperemia das conjuntivas), desorientação e perda do equilíbrio. Os efeitos crônicos mais relatados foram também a respeito do álcool (cirrose hepática), além daqueles causados pelo tabaco e pela maconha (câncer de pulmão). Também houve uma grande associação do uso de drogas com as DSTs, mas poucos conseguiam descrever como se dá essa relação, embora alguns alunos fizessem a associação com o uso compartilhado de seringas, no caso de drogas injetáveis.

Um fato interessante observado foi que, ao mostrar as imagens de propaganda acerca do álcool e do cigarro, a turma não olhava criticamente. Ao serem perguntados sobre o significado das imagens, os escolares apenas descreviam o que viam. A partir do momento em que os monitores interpretavam as imagens, os alunos começaram espontaneamente a citar propagandas semelhantes. Esse é um fato que deve ser bem destacado, pois mostra que, embora tenham conhecimento das propagandas, os alunos, de uma forma geral, não atentam para o sentido objetivado pela mídia, acabando por aceitá-las sem uma crítica do seu conteúdo.

Segundo encontro – jogo paradidático

A atividade do jogo serviu para avaliar o conhecimento adquirido no primeiro encontro, além de discutir algumas questões polêmicas. Como as perguntas do jogo eram escolhidas aleatoriamente, nem todos os temas foram abordados. É importante destacar que independente de as equipes acertarem ou não as perguntas, era feito um pequeno comentário sobre a questão, explicando, inclusive, o porquê de outras respostas não serem as corretas.

Pôde-se notar, através das perguntas aplicadas, que os alunos conseguiram assimilar boa parte do conteúdo teórico, principalmente no que diz respeito à diferenciação entre drogas lícitas e ilícitas e às doenças causadas pelo uso de drogas, particularmente, a associação das últimas com as DSTs. Os escolares também conseguiram apontar a diferença entre as intervenções preventivas e as terapêuticas, dentro da temática das drogas. No entanto, alguns conceitos ficaram ainda confusos, como a diferença entre efeitos agudos e crônicos, entre escalada e tolerância e entre overdose e síndrome de abstinência. Como esse déficit foi percebido ainda em sala de aula, conseguiu-se abrir espaço para a diferenciação dessas denominações.

Nas respostas dadas às perguntas referentes à propaganda midiática, ficou bastante clara, por parte dos alunos, a relação da cerveja com o uso da figura feminina, bem como a associação de bebidas alcoólicas com alimentos direcionados para jovens. No entanto, as propagandas que passavam imagens mais subjetivas, como as de liberdade e de exaltação de pessoas famosas, não foram tão bem interpretadas. Assim, buscou-se esclarecer esse item, através da explicação das propagandas apresentadas no jogo e da comparação destas com outras comerciais vistos pelos escolares.

Quanto ao tópico dos debates, dois merecem destaque. O primeiro diz respeito à influência de amigos no uso de drogas. Isso porque a opinião dos alunos como um todo ficou bastante dividida. Os que eram a favor da afirmação argumentaram que muitos indivíduos querem usar drogas para fazer parte de um grupo de amigos. Os que negavam a afirmação acreditam que cada pessoa tem a sua personalidade e, desta forma, segue os hábitos que acha

melhor, independente da amizade com o usuário. Através de uma discussão coordenada pelos monitores, chegou-se a um consenso de que os dois argumentos não são excludentes, sendo a personalidade talvez apenas mais um fator que pode levar o indivíduo a ser influenciado.

O segundo debate abordava a legalização da maconha. A grande maioria é contra essa medida, afirmando que ela poderia levar a um aumento da violência e que abriria as portas para a legalização de outras drogas.

A atividade com o jogo paradidático mostrou-se eficaz na complementação das informações vistas no encontro anterior. Entretanto, pela sua função de avaliar o conhecimento obtido pelos estudantes, essa prática poderia ter sido realizada nos últimos encontros, momento em que se espera que tenham adquirido um maior embasamento sobre a temática.

Terceiro encontro – produção de cartazes

As equipes que ficaram com a temática do álcool e suas repercussões apontaram a facilidade de comprar a droga como um dos fatos contribuintes para o grande consumo de bebida alcoólica entre os jovens. Além disso, enfatizaram o papel da propaganda no incentivo ao consumo, expondo o uso do corpo da mulher para atingir o público masculino e as imagens de pessoas famosas para atrair os consumidores. Particularmente, esta questão da propaganda chama atenção, pois, se comparado com o primeiro encontro, os alunos, ao analisar os informes publicitários, apresentaram um salto significativo no que concerne à compreensão da problemática. Sobre as conseqüências do uso do álcool, foram apontadas a desinibição e a conseqüente ousadia, além do favorecimento de atividade sexual desprotegida. Outra repercussão referida foi a desorientação e perda de equilíbrio, inclusive propiciando acidentes de trânsito. Por fim, foram citados os perigos do álcool na gravidez e as doenças que levam a um grande número de internamentos nos hospitais.

Os cartazes que abordavam o uso de cigarro traziam os mais conhecidos efeitos agudos e crônicos da droga, os quais foram relacionados com o prejuízo que o governo possui com os hospitais. Um fato interessante foi que os alunos estabeleceram uma linha de raciocínio e enfatizaram que esse prejuízo repercute sobre toda a população, uma vez que os recursos que o governo usa advêm do dinheiro público. Ainda sobre o cigarro, os escolares ressaltaram a influência que a mídia tem, ao colocar pessoas famosas fumando em situações de status, transmitindo a idéia de poder e glamour associado ao fumo. Também falaram do fato de o cigarro ser muitas vezes a porta de entrada para outras drogas, sendo assim um contribuinte para o aumento do consumo de outras substâncias psicoativas.

No que tange às drogas ilícitas, os estudantes tiveram um pouco de dificuldade de encontrar nas revistas artigos que falassem sobre elas. No entanto, usaram da criatividade e fizeram uma espécie de montagem para abordar as repercussões dessas drogas. Citaram alguns efeitos orgânicos, mas deram maior destaque às conseqüências sociais. Relacionaram a questão da violência tanto com o tráfico, quanto com a necessidade do dependente de conseguir a droga a qualquer custo. Também enfatizaram que a problemática em questão não é restrita à população menos favorecida economicamente, deixando bem claro que “Nem todo traficante é de favela”, como disse um estudante. Por último, enumeraram casos de pessoas famosas que foram vítimas ou da violência que as drogas proporcionam ou do próprio uso, ressaltando que a aparência não revela se a pessoa está envolvida ou não com drogas.

As equipes que ficaram com a temática “motivos que podem levar uma pessoa a usar drogas” fizeram uma explanação sobre várias drogas, não se detendo a uma específica. Os estudantes apontaram que alguns atletas as utilizam para aumentar sua resistência e melhorar sua performance em competições. Também citaram que estimular a desinibição, diante de um grupo de pessoas, é um forte motivo, principalmente para pessoas tímidas ou para jovens que almejam

fazer parte de um grupo. Outros motivos citados foram aumentar a atenção e manter-se ativo e acordado para desempenhar atividades mesmo quando o corpo já estiver cansado. Relacionaram esse tipo de postura, sobretudo, com jovens em véspera de provas e com profissionais que necessitam trabalhar além do tempo habitual ou em horários adversos. Por fim falaram da “moda” entre os jovens do sexo masculino de aumentarem a sua massa muscular rapidamente, utilizando anabolizantes ou tomando estimulantes para conseguirem passar mais tempo em academias, modelando o corpo.

Os grupos que apresentaram as “consequências sociais do uso das drogas” o fizeram também de forma inespecífica. Os escolares enumeraram a violência na sociedade como uma das principais consequências relacionadas com as drogas. Nesse contexto, falaram do grande número de jovens mortos ou presos em virtude de estarem envolvidos com o tráfico. Somando-se a isso, abordaram a violência doméstica e a fragmentação de famílias, principalmente quando a droga envolvida era o álcool. Além disso, foi citada a relação entre drogas e a transmissão de DSTs.

O último tema abordado foi “o que fazer para não entrar no mundo das drogas”. Os alunos citaram a prática de esportes, a educação e os trabalhos preventivos que visam à conscientização. Outro ponto apresentado pelas equipes foi uma boa estrutura familiar, através de medidas como: imposição de limites para o excesso de liberdade dos filhos; comportamento e conduta adequados dos pais, servindo de exemplo; diálogo sobre a temática; preocupação em conhecer as companhias dos filhos, bem como os ambientes que eles frequentam. Apesar de muitos desses argumentos serem da própria vivência dos alunos, não se conseguiu identificar nenhum estudante que tivesse uma conversa aberta com os pais sobre drogas; pelo contrário, muitos relataram ter dificuldade de falar sobre esse e outros assuntos polêmicos, como sexo e liberdade.

A atividade dos cartazes foi de extrema importância, pois garantiu uma investigação mais objetiva do nível de informação dos alunos, tanto de suas próprias experiências como do aprendido nos encontros anteriores. Deve-se, no entanto, pontuar que, durante a apresentação dos cartazes à turma, a maioria dos alunos mostrou certa dificuldade de organizar as idéias, fato este muitas vezes atribuído à timidez de ter que falar em público.

Quarto encontro – experiência e discussão sobre os efeitos do álcool e cigarro

Essa atividade teve uma duração menor dos que as demais, visto que o encontro desse dia também se destinava a organizar, com os alunos, as apresentações que seriam realizadas no 5º encontro. Essa organização consistiu em combinar que tipo de atividade eles gostariam de apresentar e fornecer os materiais que eles precisavam para tal.

O encontro foi bastante produtivo, pois muitos alunos agora já possuíam um embasamento teórico e conseguiam identificar, em fotos mostradas pelos monitores, as doenças causadas por álcool e cigarro, algumas vezes sem saber o nome delas, mas quase todas as vezes associando corretamente à droga causadora. Quando se falou sobre o álcool, foi dada uma ênfase nos efeitos causados no estômago, pâncreas e fígado, sendo esse último órgão explanado com mais detalhes a respeito de suas funções e o porquê de ele ser tão afetado pela droga em questão.

A discussão sobre o cigarro obteve uma grande atenção dos alunos, particularmente devido à experiência com o boneco, já descrita na metodologia. Após essa prática, falou-se de algumas das substâncias tóxicas presentes no cigarro, realizando uma analogia com outros produtos que possuíam essas substâncias (por exemplo, a nicotina presente na inseticida e o monóxido de carbono presente na fumaça liberada de automóveis). Ao falar das substâncias cancerígenas, abriu-se um espaço para explicar, em termos simples, o mecanismo pelo qual o cigarro pode causar câncer. No decorrer da discussão, surgiram algumas dúvidas a respeito da eficiência das piteiras e do filtro (referido pelos alunos como o “algodão”) dos cigarros. Também

houve perguntas sobre os efeitos do cigarro no fumante passivo. Foi observado que muitos alunos não sabiam que esse tipo de fumante poderia desenvolver as mesmas doenças que o indivíduo que consumia a droga de forma direta.

Fato interessante é que a maior parte dos relatos apresentados nesse dia não foi a respeito das doenças causadas por essas drogas (álcool e cigarro), mas sim do preconceito que a comunidade apresenta contra os usuários das mesmas. Também houve uma retomada da relação entre as drogas e problemas familiares, acrescida dessa vez do fator financeiro, ou seja, casos em que o usuário deixava de pagar os gastos da família para comprar drogas. A construção desse debate demonstrou, mais uma vez, um desenvolvimento da percepção dos alunos, que ia além das conseqüências orgânicas das drogas e passava pelo fator social.

Quinto encontro – encerramento

O quinto encontro foi a finalização das atividades do projeto. Como foi dito anteriormente, os alunos apresentaram trabalhos que desenvolveram fora dos encontros. Não foi obrigatória a participação de todos, mas, para estimulá-los, foi feita uma premiação dos melhores, cujos critérios eram qualidade do trabalho e desempenho do estudante na apresentação, além da participação e comportamento ao longo de todos os encontros.

A criatividade foi uma característica que esteve presente nos trabalhos, os quais foram feitos na forma de cartazes ou dramatizações. No primeiro caso, houve dois tipos de abordagem: uma mais teórica, que tentava resgatar os conceitos aprendidos ou informar curiosidades; outra mais prática, em forma de história em quadrinhos, que mostravam situações que envolviam usuários de drogas. As dramatizações seguiram um mesmo perfil, mostrando situações de violência ou tráfico. Ao final das atividades, foi realizada uma pequena festividade, visando celebrar o trabalho realizado e os vínculos, mesmo que eventualmente temporários, estabelecidos entre os universitários monitores e os escolares.

Repercussões e avaliação do projeto pelos alunos

A aplicação dos recursos didáticos ajudou na maior interação entre os alunos, os monitores e a temática abordada. Essa tríade era reforçada à medida que ocorriam os encontros e uma relação de confiança se estabelecia. Deste modo, o que a princípio era uma relação educacional vertical, dos monitores e alunos, foi, gradativamente, substituída por uma relação horizontal, caracterizada pela troca de informações. Esse processo serviu não só para a revisão de conceitos, como também para a compreensão por parte dos monitores de algumas representações que regem o universo desse grupo populacional, possibilitando uma melhor adequação às reais necessidades do público alvo.

A forma de avaliação dos impactos sobre os estudantes e sobre a comunidade foi realizada de modo subjetivo, levando em consideração relatos dos agentes envolvidos e observando a postura dos membros dos grupos, além dos materiais produzidos pelos alunos como textos, cartazes e dramatizações.

Segundo relatos de professores, houve uma mudança favorável na postura de certos alunos no recinto escolar, no que diz respeito ao consumo de drogas (maconha e cigarro). Além disso, a observação direta de alguns estudantes revela uma postura engajada, tornando-se capazes de perpetuar a prevenção ao uso de drogas no meio, servindo então como multiplicadores do ideal do projeto.

Particularmente, um fato que chamou a atenção foi o conteúdo do material produzido pelos estudantes, pois são bastante evidentes as informações que trazem a respeito da experiência de vida deles. Em geral, relatam a história de um vizinho, de um pai, de outros parentes ou

conhecidos, que estão envolvidos de alguma forma com a problemática das drogas. Ao que parece, seria como se eles buscassem exemplificar, ratificando assim os conteúdos previamente discutidos.

Por fim, a análise dos materiais produzidos pelos alunos serviu para que o projeto tivesse uma avaliação imediata da importância atribuída pelos jovens, da profundidade da relação estabelecida e da mudança de visão ou mesmo conduta de grande parte dos escolares.

Como monitoramento final deste projeto, foi aplicado a esse grupo de escolares uma ficha de avaliação geral, sem identificação dos respondentes, de modo a tornar mais fidedignas as opiniões. Sua finalidade era obter um parâmetro interno ao grupo de monitores, sem qualquer pretensão de estudo científico. As respostas foram muito interessantes, como se descreve brevemente a seguir.

O trabalho desenvolvido, durante o semestre, obteve uma grande aceitação por parte dos alunos. Numa avaliação realizada por 88 alunos, 88,6% afirmaram que a organização, a qualidade do material trazido e a clareza das informações transmitidas pelos universitários são boas e 11,3% classificaram esses quesitos como regulares, não havendo estudante algum que tenha classificado esses pontos como ruim. Além disso, todos os alunos que responderam ao questionário acham que trabalhos nessa linha (prevenção ao uso de drogas em escolas) são importantes.

À pergunta sobre que nota dariam ao projeto, numa escala de zero a dez, a média obtida foi de 9,66. Muitos deles justificaram a nota que deram, dizendo que a dedicação dos monitores, a explicação dos assuntos e a qualidade das aulas são boas. Outros apontaram a importância social do assunto, inclusive, como criador de multiplicadores do projeto, como demonstrado no depoimento de um estudante: “Pois é bom ensinar o que vocês aprenderam para nós e assim nós podermos ensinar a todo o mundo (...)”.

Quando se pediu para que eles fornecessem sugestões, 70,4% disseram que não mudariam nada no projeto. Alguns alunos disseram que acrescentariam mais encontros, inclusive com mais aulas práticas. Também houve algumas críticas a respeito da falta de paciência dos monitores nos momentos em que a indisciplina em sala de aula impedia o andamento dos encontros. Ao ser perguntado se os escolares conseguiram aprender o assunto discutido durante o projeto, 71,5% disseram ter aprendido muito e 27,2% afirmaram que aprenderam pouco. Somente uma pessoa disse que não aprendeu.

Quanto à atividade favorita, 42,0% dos alunos escolheram a prática com boneco, 31,8% a prática com o jogo e 15,9% aquela com cartazes. O restante dos alunos não respondeu à questão coerentemente, sendo, por isso, desconsiderado no cálculo dessas percentagens. Um fato que merece destaque é que nenhum estudante apontou a atividade teórica com transparências como sendo a favorita, demonstrando um maior interesse por atividades práticas.

Dificuldades encontradas

Durante a realização do projeto, algumas dificuldades surgiram. A primeira delas diz respeito às diferentes faixas etárias presentes numa mesma turma, obrigando os monitores a utilizar uma linguagem diversificada e, ao mesmo tempo, adequada a cada uma delas. Outro obstáculo que teve de ser superado foi a indisciplina dos escolares em alguns momentos. Isso porque existiam turmas bastante volumosas e porque, em uma das atividades, teve-se que unir duas classes. Soma-se a isso a inexperiência de alguns dos monitores em lidar com estudantes de faixas etárias diferentes, talvez pelo fato de serem incipientes no projeto.

Houve ainda problemas no que diz respeito a um espaço adequado para desenvolver algumas das atividades, já que era preciso um ambiente que proporcionasse facilidade de movimentação, no caso do jogo, e isolamento das equipes, no caso da elaboração dos cartazes.

Por último, deve-se ressaltar a falta de comunicação existente entre os funcionários da escola, a qual algumas vezes ocasionava choques de horário entre as atividades do projeto e o horário de aulas dos alunos.

Na medida do possível, essas dificuldades foram solucionadas com a ajuda do corpo docente e demais funcionários das escolas.

CONCLUSÃO

De uma maneira geral, os alunos conseguiram absorver o conteúdo transmitido durante os encontros, seja ele relacionado aos temas pré-determinados, seja a respeito das dúvidas que apareciam no decorrer do projeto. Todavia, o fato mais relevante consistiu na capacidade de aliar a teoria apresentada e discutida com as situações do seu dia-a-dia, como a vivência com usuários de drogas e as imagens veiculadas pelos diversos meios de comunicação. Essa forma de abordagem favoreceu a construção de um conhecimento concreto.

Naturalmente, a análise dessas repercussões a longo prazo é dificultada pela incapacidade de acompanhamento dos estudantes nas séries escolares subsequentes. Todavia, pelos resultados atuais, estima-se que as informações adquiridas perdurem neles e, mais que isso, perpetuem-se na comunidade. Para isso é imprescindível que se garanta a manutenção permanente de grupos com trabalhos na mesma linha de atuação da desenvolvida neste projeto.

Quanto à metodologia abordada, ficou claro que as atividades práticas não só prendem a atenção dos alunos, como são eficazes para transmitir o conteúdo. Isso serve de alerta para este e outros trabalhos desenvolvidos com estudantes que visem transmitir informações. É preciso dinamizar a aula, explorando a criatividade e o conhecimento empírico que eles trazem, associando ao conhecimento científico repassado. Ainda sobre a metodologia, é preciso ressaltar que a ordem das atividades escolhidas talvez precise ser alterada nos próximos semestres, visto que o jogo, por exemplo, que avalia o conhecimento adquirido previamente no projeto, poderia ser uma das últimas atividades, aumentando sua eficácia.

Como comentário final, é adequado pontuar o retorno identificado pelos universitários engajados no projeto. A experiência adquirida pelos instrutores com os encontros realizados na comunidade capacita-os, gradativamente, a lidar com públicos de realidades distintas, melhora sua forma de expressão em público e pode ser considerado um laboratório para o aprendizado da relação interpessoal, que será tão importante na futura profissão médica. Esse tipo de vivência em grupo gera, ainda, reflexões as mais diversas, com possibilidade de modificação de eventuais conceitos e preconceitos. Finalmente, fica evidente a gratificação em prestar um serviço à comunidade que ultrapassa as exigências do currículo acadêmico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional Antidrogas. **Política Nacional Antidrogas**. D.O.U. Nº 165-27.08.2002. Brasília: Presidência da República, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 2001. 22 p.

BROWN, R. T. Risk factors for substance abuse in adolescents. **Pediatric Clinics of North America**, v. 49, n. 2, p. 247-255, apr. 2002.

CUIJPERS, P. Effective ingredients of school-based drug prevention programs: a systematic review. **Addictive Behaviors**, v. 27, n. 6, p. 1009-1023, nov./dec. 2002.

KESSLER, F.; VON DIEMEN, L.; SEGANFREDO, A. C. et al. Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 33-41, Abr 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2005.

RIBEIRO, T. W.; PERGHER, N. K.; TOROSSIAN, S. D. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 421-430, 1998. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300003&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 25 maio 2005.

SCIVOLETTO, S. **Fatores protetores e de risco associados ao uso de drogas na adolescência**. Disponível em <<http://200.152.193.252/novosite/atualizacoes/as.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2005.